



NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim Nossa Classe RN, fevereiro de 2021.

Bonor Botões

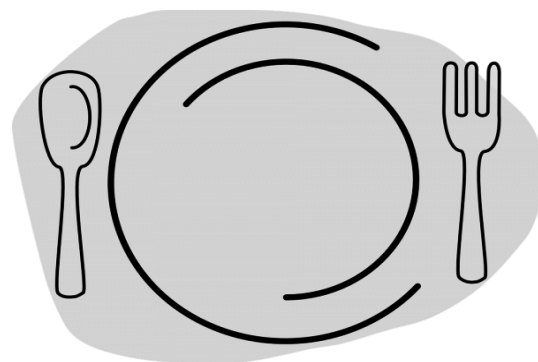
FÁBRICA MANTÉM REFEITÓRIO DESATIVADO E OPERÁRIOS SEM ALMOÇO!

Apesar das constantes reclamações dos operários exigindo a reativação do refeitório, a fábrica Bonor insiste em manter o refeitório fechado. Na pandemia, a empresa se aproveitou para demitir os trabalhadores do refeitório (cozinheiros, serventes de limpeza, etc.), e desde então está desativado.

Os operários, que já recebem salários miseráveis e sequer a empresa paga um Vale-Alimentação, estão tendo agora que tirar de sua apertada renda para custear o almoço. Muitos vão em busca do bandejão mais próximo, e às vezes ficam até sem almoçar porque, quando chegam no restaurante, a comida já tem acabado.

A empresa Bonor continua cobrando produtividade dos funcionários, mas não garante sequer as condições mínimas para um operário conseguir trabalhar, que é a alimentação e o transporte. O Vale-Transporte, um direito garantido por lei, também não é concedido aos trabalhadores.

O boletim Nossa Classe defende que a empresa Bonor **restabeleça imediatamente o refeitório e o almoço** para os operários, **reincorpore os trabalhadores demitidos** e conceda o **Vale-Transporte**, que é um direito!



Abuso patronal!

Operários têm denunciado que a fábrica Bonor está alterando suas férias sem que os mesmos tomem ciência. Só são comunicados da mudança em cima da hora, alguns dias antes de iniciar o período de férias. Em cada setor, entram de férias apenas uns três ou quatro operários por vez. A empresa faz isso para sobrecarregar os operários que ficam e não ter que contratar mais trabalhadores para cobrir o posto de trabalho dos que entram de férias.

Conforme a CLT, o período de férias deve ser comunicado ao trabalhador com no mínimo 30 dias de antecedência. Além disso, a empresa não pode alterar unilateralmente a data de início das férias já comunicadas ao trabalhador. Os operários que sofreram com tal arbitrariedade devem ser indenizados por danos morais e por eventuais prejuízos financeiros.

Saúde e segurança do trabalhador em último lugar!

Durante a pandemia, a fábrica Bonor demitiu a única enfermeira que tinha no ambulatório. Agora, o técnico em segurança do trabalho foi colocado para cobrir a lacuna da enfermeira, recebendo amostras de exame de urina, organizando os operários para a coleta de sangue, e até mesmo atuando como auxiliar do médico atendendo os trabalhadores e medindo a pressão, numa clara situação de desvio de função!

Além disso, muitos operários foram demitidos durante a pandemia, e os que ficaram estão sobrecarregados. Muitos estão adoecendo de hérnias. As máquinas sucateadas e ausência de EPIs agravam as más condições de trabalho, e há também riscos de incêndio, como o caso do banheiro em que uma tábua solta no teto segura a lâmpada.

O boletim Nossa Classe defende que a empresa **reincorpore imediatamente todos os trabalhadores demitidos** durante a pandemia, e garanta as condições mínimas de **saúde e segurança no trabalho** (prevenção contra incêndio, EPIs, etc.)!

**Participe do Boletim Nossa Classe!
Envie-nos sugestões, opiniões e denúncias da fábrica. Garantimos o anonimato.**

Instagram: @nossaclasse_rn

Facebook: Nossa Classe RN

Mesma função, salários diferentes...

A fábrica Bonor tem re-manejado funcionários de um setor para outro sem comunicar com antecedência. Além disso, muitos que vão para um setor insalubre ou que recebe um salário maior, passam meses ou até anos sem a equiparação salarial ou o adicional de insalubridade. Isso significa que tem operários desempenhando a mesma função, mas com salários diferentes. Muitos passam a realizar outras funções, mas continuam recebendo o salário do auxiliar de produção.

O boletim **Nossa Classe** defende que os operários que realizam as mesmas funções recebam os mesmos salários, tendo como parâmetro o maior salário. Ou seja, **trabalho igual, salário igual!**



Operários se sentem acuados para reclamar

Os operários da Bonor se sentem acuados em reclamar e procurar os seus direitos, pois a gestão da empresa mantém um clima de intimidação, disseminando a ideia de que os operários não devem ir atrás de seus direitos porque “lá fora tem gente querendo trabalhar!”, “lá fora emprego tá difícil!”. E os operários, mesmo quando são demitidos, ainda recebem o valor das verbas rescisórias parcelado em vários meses.

Os lucros da empresa só têm servido para enriquecer o bolso do patrão, enquanto que os operários amargam salários miseráveis e péssimas condições de trabalho.

A forma que os operários têm de combater as arbitrariedades patronais é a **união coletiva**. Quando os operários se organizam coletivamente, são capazes de vencer os patrões e conquistar as suas reivindicações!

Cresce a desigualdade:

segundo o IBGE, durante a pandemia, os 10% mais ricos perderam apenas 3% da renda, enquanto que os 40% mais pobres viram sua renda familiar diminuir em 32%. Essa é a verdadeira face do sistema capitalista. Enquanto os explorados amargam cada vez mais na miséria, fome e doenças, a burguesia continua lucrando como sempre e vivendo bem às custas da superexploração do trabalho e do parasitismo financeiro!

Vacina: Segundo o microbiologista da Universidade de São Paulo (USP), Luiz Gustavo de Almeida, membro do Instituto Questão de Ciência, no ritmo atual, Brasil pode levar mais de 4 anos para vacinar 77% da população. Como se vê, a depender dos monopólios farmacêuticos e dos governos, morreremos ainda milhares de trabalhadores pela pandemia. *Defendemos a vacinação universal, a começar pelos mais pobres e miseráveis. E o controle operário da produção e distribuição da vacina!*

Desindustrialização

No país, em média 17 fábricas são fechadas todo dia

Entre 2015 e 2020, o Brasil perdeu 36,6 mil estabelecimentos industriais. No ano passado (2020), 5,5 mil fábricas encerraram suas atividades. Há seis anos, o País tinha 384,7 mil estabelecimentos industriais. Mas, no fim do ano passado, esse número caiu para 348,1 mil.

Os capitalistas (patrões) sempre inventam a desculpa de que estão falindo, para fechar as fábricas, não pagar os direitos trabalhistas e transferir seu capital para outros negócios que consideram mais lucrativos, como investimentos em outro país ou na especulação financeira. Assim, para manter seus lucros parasitários, os capitalistas fecham suas fábricas, arruinam a economia dos municípios e deixam milhares de operários desempregados, sem ter como sobreviver.

O direito dos operários ao emprego e à sobrevivência de suas famílias está acima de qualquer ambição individual do capitalista. Diante da atitude bárbara dos capitalistas de fechamento de fábricas, os operários só têm uma resposta efetiva: **ocupar as fábricas, colocá-las para funcionar sob controle operário, e exigir a estatização sem indenização de sua propriedade.**

Contra o fechamento da FORD!

No dia 11 de janeiro, a Ford anunciou o fechamento de suas três fábricas no Brasil. Já desativou as fábricas de Camaçari e Taubaté, e mandou os operários para casa. São mais de 6000 operários da Ford que perderão o emprego. Se considerar o peso que a Ford tem para a economia do Brasil, o fechamento de suas fábricas acarretará uma perda imediata de mais de 118.000 empregos, engrossando o número que já é de 14 milhões de trabalhadores desempregados e 34 milhões na informalidade.

O país deixará de arrecadar cerca de 3 bilhões de reais por ano, e a cidade de Camaçari, onde está localizada uma das fábricas da Ford, perderá 10% da arrecadação e verá a sua economia definhar com a redução drástica do poder de compra dos operários demitidos da Ford e demais trabalhadores desempregados.

Com o fechamento das fábricas, a Ford comete um verdadeiro crime contra a economia nacional. Isso depois de ter recebido bilhões de reais em subsídios ao longo de décadas em que está no país. O boletim Nossa Classe defende que as fábricas da Ford sejam **expropriadas e estatizadas, sem indenização, e colocadas em funcionamento sob controle operário!**